



ENCONTRO #10

A MONARQUIA EM ISRAEL

1. INTRODUÇÃO

A fixação das tribos de Israel em Canaã foi, como vimos, lenta e progressiva: havia zonas que permaneciam ainda sob o domínio dos Filisteus. Com o tempo, as fronteiras entre os dois povos consolidaram-se; apesar de alguns conflitos, mantiveram-se a coexistência e as trocas comerciais. Os Filisteus detinham superioridade militar, o que criou um grande desnível em desfavor de Israel. Os Filisteus estavam na Idade do Ferro e só forneciam aos israelitas instrumentos de ferro para trabalhar a terra e não armas (cf. 1Sm 13,19-21).

Os textos bíblicos descrevem uma decadência religiosa nesta época: os filhos de Heli abusaram dos sacrifícios e a Arca da Aliança foi perdida na guerra com os Filisteus (cf. 1Sm 4,1ss); adoração dos deuses cananeus Baal e Astarte (cf. 1Sm 7,3). Segundo a narrativa bíblica, a confiança no poder de Javé diminuiu acentuadamente neste período. É neste contexto que os Israelitas pedem um rei a Samuel como o tinham as outras nações.

2. SAMUEL E A LINHA MONÁRQUICA

Samuel, descrito como homem de grande fé e coração puro (1Sm 3,19), serve no Santuário de Silo e assume a missão profética de purificar os costumes religiosos. Projetam-se nele todas as esperanças de renovação de Israel. E, na verdade, com ele ocorre a unificação política das diversas tribos, que constitui o pressuposto da futura monarquia e dá-se um verdadeiro renascimento religioso. Ele é um autêntico intermediário entre Deus e o seu povo e o profeta de que Deus se servirá para consagrar os primeiros reis de Israel.

Entretanto, com o envelhecimento de Samuel, infelizmente, os seus filhos não seguem os seus passos (1Sm 8,1-5) e o povo, pressionado pelo perigo exterior pede um rei que o governe e defenda, para além de assegurar a unidade e a soberania nacional.

Dessa forma, desenvolveu-se, entre o povo, uma tradição popular que conduziu à criação da monarquia, na suposição de que o rei em Israel não será como nos outros povos, mas tem de ser expressão da realeza divina de Javé. O rei de Israel não está acima da Lei, mas deve ser o primeiro a cumpri-la. A sua missão será a de continuar a obra da libertação iniciada no Êxodo (1Sm 9,16-17).

Outra tradição — que invoca a soberania absoluta de Javé sobre Israel — rejeita a monarquia e defende a teocracia (cf. 1Sm 8,7). Tal corrente mais tardia e que certamente pressupõe já os insucessos da monarquia de Israel, leva o profeta Samuel a advertir o povo desse perigo e da necessária fidelidade a Javé (cf. 1Sm 8,22; 10,19).

3. O PRIMEIRO REI DE ISRAEL, SAUL (1030-1010 A.C)

Saul (da tribo de Benjamim) encontra-se, por acaso, com Samuel e, em Ramá, é ungido rei de todas as tribos de Israel dando origem à monarquia. Constrói em Gibeá um palácio fortificado (1Sm 10,26) cujos contrafortes ainda hoje existem e são a única luz direta que a arqueologia conseguiu lançar sobre a época de Saul.

O relato bíblico apresenta Saul como a escolha de Deus: um homem alto, forte e inicialmente humilde, considerado o melhor candidato disponível segundo a narrativa. Lemos que Deus, inclusivamente, «transformou-lhe o coração» (1Sm 10,9), por isso, parecia perfeito para governar Israel e derrotar os Filisteus.

Mas, infelizmente, não foi assim. Quando Israel efetuou a transição de uma federação de tribos, mantidas unidas apenas pelos antepassados comuns, para uma monarquia com um rei, o poder corrompeu Saul. Este começou a pensar que, enquanto rei, podia fazer tudo aquilo que queria, arrogou-se da dignidade sacerdotal (1Sm 13,8-15) e se apoderou dos despojos da guerra, depois da vitória sobre os Amalecitas (1Sm 15,1-31). Além disso, enchendo-se de ciúmes pelo seu sucessor, David, movendo-lhe uma guerra desenfreada e sem

sentido. Por isso, Deus enviou Samuel a Saul para anunciar que o havia rejeitado e escolhido outro sucessor (1Sm 13,13–14). Saul dava uma ótima impressão exteriormente, mas aquilo que confrangia Deus era o que ele tinha no coração.

Jónatas, filho de Saul é um magnífico exemplo de uma verdadeira amizade. Afoito na guerra contra os Filisteus, sabia também ser um amigo terno e leal. Melhor, a sua amizade pelo futuro rei, David, não obstante a hostilidade de Saul, representou para aquele um apoio determinante: uma atitude muito generosa para alguém que podia razoavelmente esperar tornar-se ele mesmo rei, um dia. Sendo um filho fiel, permaneceu, contudo, ao lado do pai num último vão combate contra os Filisteus, onde os dois perderam a vida (1Sm 31,1-6). O hino que David escreve para o seu melhor amigo e primeiro rei de Israel reflete a sua profunda tristeza pela sua perda (2Sm 1,17-27).

A história trágica de Saul mostra que boas intenções não substituem a obediência, conforme a advertência de Samuel: 'a obediência vale mais do que os sacrifícios' (1Sm 15,22), e na tradição cristã acredita-se que a obediência a Deus traz sempre bênçãos, enquanto com a desobediência se perde sempre.

4. O REI DAVID (1010 – 970 A.C.)

Quando Samuel foi procurar o novo rei escolhido por Deus, o pai de David nem sequer lho apresentou. Afinal, a quem poderia interessar um rapazinho de 15 anos que apascentava os rebanhos? Samuel deixou-se impressionar pelo belo aspeto dos irmãos de David, mas foi-lhe recordado que «o que o homem vê não importa. O homem vê as aparências, mas o Senhor olha o coração» (1Sm 16,7). Assim, quando finalmente chegou David, Deus disse a Samuel: «Levanta-te e unge-o: é ele!»

O caminho de David para se tornar rei não foi fácil. Poderia ter sido ungido rei, mas havia um problema: Israel já tinha um rei. Saul, que procurava desesperadamente manter o poder e era cada vez mais instável, mentalmente, tornou-se ciumento de David e perseguiu-o durante os dez anos seguintes.

Embora este o honrasse e lhe tivesse poupado a vida. David, sem dúvida, ter-se-á perguntado quais seriam as intenções de Deus, visto que as coisas não estavam a correr como lhe havia sido

prometido. Mas Deus estava a formar David, e só depois da morte de Saul este se pôde tornar rei – inicialmente só do reino de Judá (a sul), com capital em Hebron. Sete anos mais tarde, porém, à frente de um reino unificado, pôde transferir-se para Jerusalém.

A ALIANÇA DAVIDICA

Não parecia correto a David que, enquanto ele próprio possuía um grande palácio de madeira de cedro, a arca de Deus tivesse apenas uma tenda, por isso queria construir-lhe um templo. Mas sabemos que Deus lhe falou através do profeta Natan: «Sei que queres construir uma casa para mim, mas Eu é que vou construir uma casa para ti!» Porém, não se tratava de uma casa de pedra, mas de uma linhagem: Deus prometia a David que no trono haveria de estar sempre um dos seus descendentes.

Para alguém que tinha visto Saul perder o trono, era uma promessa imensamente tranquilizadora. Mas também sabemos que Deus disse que o rei não era isento de castigo e que, se errasse, seria punido... punido, mas não destruído. Esta promessa misericordiosa é conhecida como «aliança davídica» (cf. 2Sm 7,1-29). Todavia, tal como o projeto de David de construir um templo não se deu como o previsto, assim também não funcionou a promessa de uma descendência. Com efeito, a monarquia duraria apenas os 500 anos seguintes. Os profetas, porém, viam uma outra coisa: a vinda, um dia, de um rei eterno com um reino eterno. Esse rei, diz o Novo Testamento, é Jesus. Conforme o anjo anunciou a Maria: «O Senhor Deus vai dar-lhe o trono de seu pai David, reinará para sempre sobre a casa de Jacob e o seu reinado não terá fim» (Lc 1,32-33).

A NAÇÃO SOB DAVID

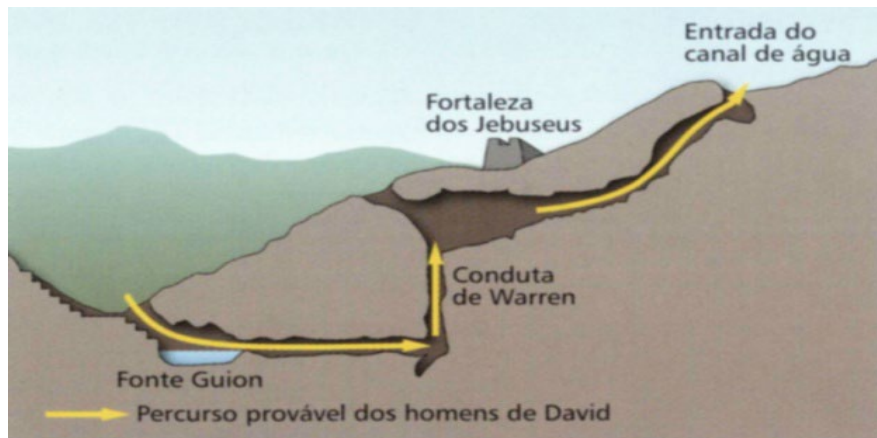
David alargou e tornou mais seguras as fronteiras de Israel, durante o seu reinado (1010-970 a.C.). Pela primeira vez, Israel tinha, finalmente, o controlo total sobre a terra que Deus tinha prometido a Abraão, cerca de mil anos antes.

- Uniu a nação sob o seu domínio (2Sm 5,3).
- Fez de Jerusalém a nova capital (2Sm 5,6-10).
- Obteve o reconhecimento da vizinha Fenícia, uma importante nação de mercadores (2Sm 5,11-12).

- Submeteu os Filisteus e outros inimigos (2Sm 5,17-25; 8,1-14; 10,1-19).
- Uniu política e religião levando a arca da aliança para Jerusalém (2Sm 6,1-23; 1Cr 13,1-14; 15,1—16,43).



Devido à sua posição, na fronteira entre as tribos setentrionais e as meridionais, a cidade de Sião, logo que foi arrancada aos Jebuseus, era o lugar ideal para a nova capital de David. Os Jebuseus, demasiado seguros das suas fortificações, sucumbiram a um ataque surpresa dos homens de David, que se serviram do canal que levava à nascente Guion para entrar na cidade (2Sm 5,6-10). Sião, conhecida também como Jerusalém, é ainda hoje a capital de Israel.



DAVID: OS ANOS SEGUINTES - O INSUCESSO DE UM GRANDE HOMEM

Os cristãos consideram que um grande trunfo a favor da autenticidade da Bíblia é o facto de ela narrar as suas histórias «honestamente», sem qualquer tentativa de embelezar os acontecimentos nem de dar boa impressão.

Se se tratasse de invenções, afirmam, os seus escritores teriam omitido as partes em que o povo de Deus, e em particular os seus grandes líderes, fazem má figura.

A Bíblia, porém, não o faz; pelo contrário, é implacavelmente honesta a propósito de tudo e de todos, e o grande rei David não é exceção. Se a primeira metade da sua história reproduz os seus sucessos, a segunda metade é toda dedicada aos seus insucessos, alguns dos quais verdadeiramente graves!

O INSUCESSO NA VIDA PESSOAL DE DAVID

Provavelmente, o insucesso mais conhecido de David é o seu

adultério com Betsabé (2Sm 11,1—12,25). Tal como todos os pecados desse género, começou por uma escorregadela. Uma vez que Betsabé ficou grávida, David procurou esconder o adultério chamando o seu marido da frente de guerra, de modo que pudesse parecer que fosse ele o pai da criança, e não David. Mas, quando o estratagema falhou, David conspirou contra ele para que fosse morto em combate, de modo a poder casar-se com Betsabé, sem que ninguém viesse a saber o que tinha realmente acontecido... Ninguém, exceto Deus, claro.

O luto era muitas vezes acompanhado de manifestações públicas e ruidosas. Na tradição judaica, Shivá (ou Shiva) é o principal período de luto, durando sete dias após o enterro, onde familiares próximos (pais, filhos, cônjuges, irmãos) se recolhem em casa, recebem visitas de condolências e suspendem atividades sociais, focando na cura e memória do falecido.

Terminado os dias de luto David pôde casar-se, tão rapidamente com Betsabé e dar a entender que o filho era fruto do seu casamento.

Deus enviou então o profeta Natan a David para lhe mostrar o seu pecado, através de uma parábola (2Sm 12,1-12). Era, pois, hora de se decidir, tomando Betsabé, David tinha-se comportado precisamente como os soberanos absolutos das nações vizinhas, esquecendo-se que tinha obrigações para com Deus, seu rei. Era, portanto, chegado o momento de decidir entre continuar por aquele caminho ou confessar o seu pecado e recomeçar. David optou rapidamente e simplesmente pela segunda opção: «Pequei contra o Senhor!» (2Sm 12,13); o Salmo 51 revela o seu arrependimento.

Aqui vemos as grandes diferenças entre David e Saul: Saul encontrava sempre desculpas ou atirava-as para os outros, David, pelo contrário, reconhecia os seus erros; por isso, Deus concedeu-lhe o perdão, ao passo que não perdoou a Saul. Naquele dia, David aprendeu uma importante lição bíblica, isto é, que o insucesso não desclassifica os homens, contando que o enfrentem de modo adequado.

O INSUCESSO DA LIDERANÇA DE DAVID

Embora David fosse um ótimo chefe, não era infalível, e, nos últimos anos, cometeu diversos erros:

- Errou ao pedir que fosse feito um recenseamento nacional, talvez por orgulho ou excessiva segurança de si, o que custou caro à nação (2Sm 24,1-25).
- Errou não esclarecendo quem seria o seu sucessor. Adonias, quarto filho de David e o mais velho dos que restaram vivos, julgava ser ele e preparava-se para reivindicar o trono. Deus, todavia, tinha prometido que seria Salomão a suceder a David; foram, por isso, necessárias as pressões de Betsabé para que David o ungisse como futuro rei (1Rs 1,28-53).

Apesar dos seus insucessos, David permanece um «homem segundo o coração de Deus». Morreu não em combate, como Saul, mas protegido e satisfeito no seu próprio leito, como um verdadeiro patriarca, com o povo de Israel finalmente na sua pátria

DAVID: UM FIGURA RETOCADA E TEOLOGIZADA

Muitas histórias relativas a David são retomadas no primeiro livro das Crônicas, com uma diferença significativa: os seus erros não são aí reproduzidos. Não se trata, porém, de um engano por parte do autor, nem de uma contradição no seio da Bíblia. Prende-se com o motivo pelo qual foram escritas as Crônicas. Enquanto os livros de Samuel e do Reis foram escritos durante o exílio de Israel, para responder à questão: «Como é que acabámos aqui?» (a resposta era: «Porque pecámos muito gravemente: vede a nossa história!»), as Crônicas foram escritas ao regressar desse exílio na ânsia de conhecer a resposta à pergunta: «Deus está ainda connosco?» (e desta vez a resposta era: «Certamente! Recordais a promessa que Deus fez a David de uma descendência? Por isso, há ainda esperança para nós»).

David, o rei de todo o Israel tornou-se um herói de Israel não só por ter vencido Golias e suportado a ira e os ciúmes do rei Saul, mas também por ter conquistado Jerusalém, fazendo dela a capital política e religiosa de Israel. Tal feito faz parte daquelas experiências religiosas que sempre exerceram sobre o povo uma influência fundamental, permitindo que David se tornasse o rei ideal e até figura do Messias que havia de vir.

Todos os outros reis são julgados a partir da sua figura. A sua realeza será constantemente retocada e teologizada pelos escritores

posteriores, sobretudo, pelos profetas, mantendo-se assim viva a promessa de que a sua descendência seria eterna.

A profecia de Natan (2 Sm 7) parece ser uma adição concebida por um redator, que escreve após a queda da realeza, exatamente para alimentar essa esperança. Numa perspectiva messiânica, o tipo de David aponta para o Messias definitivo, Jesus Cristo.

5. O REI SALOMÃO (970 – 931 A.C.)

Em Salomão, Israel obteve finalmente aquilo que havia pedido: «um rei que nos governe, como têm todas as nações» (1Sm 8,5). Todavia, esta bênção manifestar-se-ia apenas parcialmente. De facto, embora nos seus quarenta anos de reinado Salomão tivesse sabido explorar os sucessos do seu pai David, ampliando as fronteiras de Israel e proporcionando-lhe uma prosperidade e uma influência nunca vistas, esses sucessos espalharam as sementes da destruição em Israel. Nunca um homem tão sábio se revelou tão insensato. Salomão é conhecido pela sabedoria, pela riqueza e pelas mulheres.

A SABEDORIA

Quando Deus disse a Salomão que podia pedir-lhe o que quisesse, ele pediu simplesmente sabedoria (1Rs 3,5-15; 2Cr 1,7-12). Deus deu-lha em tão grande abundância que «de todas as nações vinham ouvir a sabedoria de Salomão; vinham também os reis dos países aonde tinha chegado a fama da sua sabedoria» (1Rs 5,14). Um exemplo dessa sabedoria foi a capacidade de identificar a mãe de uma criança cuja custódia era disputada por duas mulheres (1Rs 3,16-28). Muitas das suas máximas são narradas no livro dos Provérbios.

A RIQUEZA

Salomão tornou-se riquíssimo e vinha gente de muito longe para ver com os seus próprios olhos essa riqueza, como a rainha de Sabá (1Rs 10,1-13; 2Cr 9,1-12). Uma parte dessa riqueza provinha do enorme desenvolvimento do comércio, mas outra parte provinha do seu próprio povo, sobrecarregado de impostos e explorado como força de trabalho para os seus projetos de construção. Isso suscitou um ressentimento que explodiu depois da sua morte, dividindo o reino em dois.

AS MULHERES

No tempo do Antigo Testamento, um homem era considerado rico se tivesse duas mulheres (a poligamia não tinha ainda sido expressamente), mas Salomão demonstrou a sua riqueza ao possuir 700 esposas e mais 300 mulheres no seu harém real. A incapacidade de dominar o seu instinto sexual era precisamente o seu ponto fraco, e, por causa das mulheres estrangeiras (desposadas para estabelecer alianças com outras nações), o seu coração afastou-se do «Deus vivo» e foi atraído por outros deuses (1Rs 11,1-6).

OS SUCESSOS DE SALOMÃO

- Empreende grandes projetos de construção civil, inclusive o Templo, o palácio real e grandes salas (1Rs 5-7).
- Cria um átrio real nunca visto em Israel.
- Reforça o governo instituindo doze distritos administrativos (1Rs 4,7).
- Estabelece importantes alianças com as potências estrangeiras vizinhas.
- Fortifica cidades estratégicas, entre as quais Haçor, Meguido e Guézer (1Rs 9,15-19).
- Amplia ao máximo as fronteiras de Israel (1Rs 4,21).
- Desenvolve alianças comerciais (1Rs 5,7-12) e promove o turismo (1Rs 10,24-25).
- Reforça o exército (1Rs 10,26) e desenvolve uma frota mercantil (1Rs 9,26-28).
- Promove atividades culturais.

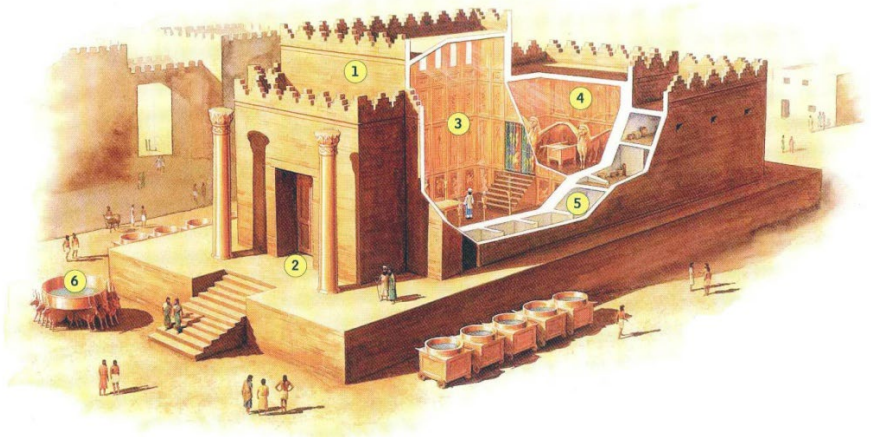
OS INSUCESSOS DE SALOMÃO

- Impõe taxas para financiar os seus projetos, enquanto antes as «taxas» só eram pagas a Deus.
- Exige demasiado do povo para manter a sua corte (1Rs 4,22-28).
- Os distritos administrativos não coincidem com as fronteiras tribais, o que enfraquece a fidelidade das tribos.
- As alianças comportam casamentos com mulheres de outras fés (1Rs 11,1-13), proibidos por Deus.
- Obriga o seu próprio povo a trabalhos forçados para completar os seus projetos de construção... chegando a escravizá-lo.

- Tenta saldar a sua dívida com o rei Hiram dando-lhe vinte cidades da Galileia (1Rs 9,10-14).
- O temor reverencial que suscita nos outros leva-o a perder o sentido de quem é e do que é: um simples servo de Deus.
- O seu crescente poder leva-o a projetos cada vez mais faustosos (1Rs 10,14-29).
- Afasta-se de Deus, gradualmente.

O TEMPLO DE SALOMÃO E A CIDADE DE JERUSALÉM

Uma das primeiras tarefas de Salomão foi construir o Templo que seu pai David desejara erigir. Foram precisos sete anos para o construir (mas o seu palácio real levou treze anos). O modelo seguido era o dos templos cananeus, provavelmente porque se serviu de artesãos fenícios.



- O Templo media 27,4 x 9,1 metros x 13,71 metros de altura e apoiava-se sobre um plinto elevado. Somente os sacerdotes entravam no Templo; o povo reunia-se no exterior.
- O pórtico de entrada, que media 4,5 x 9,1 metros, apresentava duas enormes colunas isoladas na dianteira.
- O lugar santo, revestido de painéis de cedro entalhado, continha dez bases para candelabros, um altar de ouro para o incenso e uma mesa para o pão consagrado.
- O «Santo dos Santos» tinha as paredes cobertas de ouro. Dois querubins gigantescos vigiavam a arca da aliança.

- As salas de abastecimento circundavam o Templo em três pisos.
- O lavacro de bronze, usado para se banharem, era sustentado por doze touros de bronze.
- Quando, finalmente, o Templo acabou de ser construído e foi para ali transportada a arca da aliança, a nuvem da presença de Deus encheu-o, perturbando os sacerdotes, a ponto de não conseguirem exercer o seu ministério (1Rs 8,1-11). A oração de dedicação de Salomão (1Rs 8,22-61) denota uma grande espiritualidade que, infelizmente, veio a perder-se.

O Templo sobreviveria até 586 a.C., quando os Babilónios cercaram Jerusalém e destruíram tudo. Outros dois templos foram construídos no mesmo lugar: o primeiro, muito mais pequeno, após o regresso do Exílio, e o segundo, por Herodes, o Grande, no tempo de Jesus. Hoje, no lugar do Templo existe a mesquita, fonte de grande atrito entre judeus e muçulmanos.

6. CONCLUSÃO

Salomão, o construtor do Templo de Jerusalém Salomão, filho de David e de Betsabé sucedeu a seu pai, o rei David. É-lhe atribuída uma grande sabedoria e inclinação para as artes e beleza e, por isso, muitos dos Provérbios. A ele competiu realizar a enorme tarefa de construir o Templo de Jerusalém, que acabou por mobilizar muitos artistas para trabalhar a pedra e a madeira de cedro, importada do Líbano.

Graças aos seus bons contatos com os reis vizinhos, nomeadamente o rei de Tiro, relançou as relações económicas e disso tirou sempre muito proveito. Talvez porque não tinha o carisma e a fé de seu pai e sobrecarregou o povo com muitos impostos, o seu reinado foi criando, progressivamente, as condições para um cisma, que se consumará após a sua morte. Com Salomão começa a literatura de Israel, propriamente dita. Neste tempo de prosperidade e de incremento das artes, começam a recolher-se as tradições sobre os Patriarcas, o Êxodo, a entrada em Canaã e, sobretudo, nasce a Tradição Javista (J). Num estilo pitoresco, repleto de imagens, como já tivemos ocasião de observar, faz uma teologia da história e da pré-história de Israel, fundada na Promessa de Deus e ornamentada com os mitos, lendas e sagas do tempo.